

O ensino de Sociologia no estágio supervisionado docente obrigatório: a fotografia como ferramenta pedagógica

The teaching of Sociology in the supervised mandatory teaching internship: photography as a pedagogical tool

La enseñanza de la Sociología en la práctica docente obligatoria tutelada: la fotografía como herramienta pedagógica

Beatriz Azevedo Borges¹

ORCID: 0009-0006-2279-6638

Daniel de Menezes Soglia²

ORCID: 0009-0000-3644-6504

Resumo

O artigo explora a importância do estágio supervisionado docente como um espaço de aprendizado e de emancipação para estudantes de Ciências Sociais, enfatizando a utilização da fotografia como uma ferramenta metodológico-pedagógica no ensino de Sociologia, especialmente na educação básica. O estudo baseia-se nas experiências de dois licenciandos do curso de Ciências Sociais da FBA durante o estágio obrigatório no Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes, em Salvador, em 2022. O texto descreve a imersão dos estagiários na sala de aula, contextualizando o ambiente escolar e as temáticas trabalhadas, detalhando o processo de experimentação metodológica e incluindo erros e acertos, que culminaram em reflexões sobre o poder da fotografia como narradora de histórias, guardiã de afetos e promotora da conexão entre teoria e prática. Além disso, o artigo destaca a relevância do ensino de Sociologia no ensino médio brasileiro para a formação de cidadãos críticos e conscientes das dinâmicas sociais e políticas, enfatizando, portanto, o papel essencial do estágio supervisionado docente na formação de futuros professores de Sociologia, permitindo a vivência da realidade da sala de aula e o desenvolvimento de uma identidade profissional. A exposição fotográfica "Fotografando o Trabalho e o Cotidiano dos trabalhadores informais do entorno do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes da cidade de Salvador-BA" é o elemento central dessas experiências e o resultado da reflexão dos autores. A imagem é considerada uma ponte para o diálogo crítico em sala de aula, mobilizando afetos e aproximando o abstrato do cotidiano dos estudantes.

Palavras-chave: estágio supervisionado docente, ensino de Sociologia, trabalho informal, ferramenta pedagógica, fotografia.

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com ênfase em Sociologia urbana, e licenciatura pela mesma instituição. Concomitantemente, também cursa o bacharelado em Ciências Sociais na UFBA e é coordenadora da atividade de extensão "Curso Pré-Enem" em um colégio estadual de Salvador, onde ministra aulas de Sociologia para estudantes do ensino médio. E-mail: b.azevedoborges@gmail.com

² Mestrando em Antropologia pela UFBA, licenciatura em Ciências Sociais pela mesma universidade, com período sanduíche na Universidade de Coimbra. Atua e pesquisa na área da Sociologia urbana e da Antropologia urbana, com ênfase no espaço público e suas sociabilidades. Tem experiência com Fotografia e Antropologia visual. E-mail: dms_191@live.com.

Abstract

The article explores the importance of the supervised teaching internship as a space of learning and emancipation for Social Sciences students, emphasizing the use of photography as a methodological-pedagogical tool in the teaching of Sociology, especially in basic education. The study is based on the experiences of two undergraduate students from the UFBA Social Sciences course during their mandatory teaching internship at Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes, in Salvador-BA, in 2022. The text describes the interns' immersion in the classroom, contextualizing the school environment and the thematics worked on, detailing the process of methodological experimentation, including mistakes and successes, which culminated in reflections on the power of photography as a story-teller, guardian of affections and promoter of the connection between theory and practice. Furthermore, the article highlights the relevance of teaching Sociology in Brazilian High School for the formation of critical citizens who are aware of social and political dynamics, emphasizing, therefore, the essential role of the supervised teaching internship in the training of future Sociology teachers, allowing them to experience the reality of the classroom and developing a professional identity. The photographic exhibition "Photographing the Work and Daily Life of informal workers in the surrounding of the Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes in the city of Salvador-BA" is the central element of these experiences and the final result of the authors' reflection. The image is considered a bridge for critical dialogue in the classroom, mobilizing affections and bringing the abstract closer to students' daily lives.

Keywords: supervised teaching internship, teaching of Sociology, informal work, pedagogical tool, photography.

Resumen

El artículo explora la importancia de la pasantía docente tutelada como espacio de aprendizaje y emancipación de los estudiantes de Ciencias Sociales, enfatizando el uso de la fotografía como herramienta metodológico-pedagógica en la enseñanza de Sociología, especialmente en la educación básica. El estudio se basa en las experiencias de dos estudiantes de pregrado de la carrera de Ciencias Sociales de la UFBA durante su pasantía obligatoria en el Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes, en Salvador-BA, en 2022. El texto describe la inmersión de los pasantes en el aula, contextualizando la escuela y los temas trabajados, detallando el proceso de experimentación metodológica, incluyendo errores y aciertos, que culminó en reflexiones sobre el poder de la fotografía como narradora de historias, guardiana de afectos y promotora de la conexión entre teoría y práctica. Además, el artículo destaca la relevancia de la enseñanza de Sociología en la escuela secundaria brasileña para la formación de ciudadanos críticos y conscientes de las dinámicas sociales y políticas, destacando, por tanto, el papel esencial de la pasantía docente tutelada en la formación de los futuros profesores de Sociología, permitiendo experimentar la realidad de las clases y desarrollar una identidad profesional. La exposición fotográfica "Fotografiando el trabajo y la vida cotidiana de los trabajadores informales en el Colégio Estadual

Deputado Manoel Novaes en la ciudad de Salvador-BA" es el elemento central de estas experiencias y el resultado final de la reflexión de los autores. La imagen es considerada un puente para el diálogo crítico en el aula, movilizand o afectos y acercando lo abstracto a la vida cotidiana de los estudiantes.

Palabras clave: pasantía docente tutelada, enseñanza de la sociología, trabajo informal, herramienta pedagógica, fotografía.

1. Introdução

O artigo que se segue busca refletir sobre a importância do estágio supervisionado docente como espaço de aprendizagem e de emancipação dos licenciandos em Ciências Sociais, advogando pelo seu caráter inventivo e criador, rumando situar a fotografia como potente ferramenta metodológico-pedagógica no ensino de Sociologia, sobretudo na educação básica, e destacando a utilização das narrativas de vida que ela faz emergir, bem como a reconstrução e o registro de memórias. Surge das experiências compartilhadas por estudantes, professores, coordenadores e trabalhadores informais, no estágio supervisionado docente obrigatório de dois licenciandos do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no início do ano de 2022, no Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes, em Salvador.

Retomando as experiências iniciais em sala de aula, situa os leitores tanto no espaço do colégio, quanto nas temáticas trabalhadas, fazendo-os mergulhar em uma amostra do processo de ensino-aprendizagem em Sociologia. Reconstrói, portanto, os trajetos tortuosos de invenção metodológica dos estagiários, os diversos erros e acertos que culminaram nas reflexões finais, de caráter exploratório, sobre a potência da fotografia como contadora de histórias, retentora de afetos e de encontros, mobilizadora da relação teoria-prática, enfim, ferramenta pedagógica.

O ensino de Sociologia no ensino médio brasileiro desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e conscientes das dinâmicas sociais, políticas e culturais do país e do mundo. Este texto explora a trajetória desse ensino no Brasil, destacando os obstáculos enfrentados, os avanços obtidos e a importância da disciplina no currículo, sendo o estágio obrigatório supervisionado docente fundamental na formação de futuros professores de Sociologia por proporcionar uma experiência de mediação entre a escola, a universidade e a sociedade, permitindo que os estudantes de licenciatura vivenciem a realidade da sala de aula e desenvolvam uma identidade profissional.

Durante o estágio, os licenciandos tiveram a oportunidade de observar a prática docente, participar de aulas, interagir com os estudantes e compreender as nuances da profissão, além, é claro, da ministração das regências. Ademais, o estágio permite aos licenciandos realizar

O ensino de Sociologia no estágio supervisionado docente obrigatório: a fotografia como ferramenta pedagógica

pesquisas e reflexões sobre sua prática, contribuindo para o desenvolvimento de uma pedagogia crítica e emancipatória.

A implementação da exposição fotográfica intitulada “Fotografando o Trabalho e o Cotidiano dos trabalhadores informais do entorno do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes da cidade de Salvador-BA” é, portanto, o elemento aglutinador dessas experiências e objeto final de reflexão dos autores.

Aqui, busca-se, acima de tudo, pensar a imagem como ponte para o diálogo crítico. É nas lacunas dela mesma, ante seu caráter indexical, que estudantes e professores podem proliferar a fala em sala de aula, coadunando pontos de vistas múltiplos. Também, é por meio dos afetos que essas fotografias mobilizam, em especial os retratos, que um laço entre teoria e vida pode emergir trazendo para o íntimo o abstrato que corre lá fora.

2. O ensino de Sociologia no Brasil: um panorama histórico geral

A Sociologia como disciplina do ensino médio é uma área de estudo crucial para proporcionar a adolescentes e jovens a compreensão das dinâmicas sociais, políticas e culturais do país e do mundo. Ao longo das décadas, ela tem desempenhado um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e conscientes, preparando-os para enfrentar os desafios de uma sociedade complexa e diversificada. Para melhor compreender esse assunto, é preciso explorar a trajetória do ensino de Sociologia no Brasil, analisar os obstáculos enfrentados e os progressos obtidos e a importância dessa disciplina no currículo do ensino médio do Brasil.

A história do ensino de Sociologia no país remonta ao início do século XX, mas sua consolidação como disciplina escolar aconteceu nas décadas de 1930 e 1940. Durante esse período, as reformas educacionais lideradas pelo político Gustavo Capanema resultaram na inclusão da Sociologia no currículo escolar brasileiro (Zotti, 2006). Tais reformas buscavam criar uma educação mais alinhada com as necessidades da sociedade moderna e promover o pensamento crítico entre os estudantes, apesar dos sentidos dessa disciplina estarem em disputa entre, pelo menos, duas correntes: os pensadores católicos e os laicos.

No entanto, o ensino de Sociologia no Brasil não foi contínuo ao longo da história, pois pela primeira vez foi proposta como disciplina no sistema educacional brasileiro em 1882, durante o Império, apresentada por Rui Barbosa e Carlos de Carvalho, como parte de uma reforma educacional para modernizar o país, que estava passando por mudanças sociais e econômicas significativas na época. Porém, a disciplina se estabeleceu nas salas de aula.

Após a Proclamação da República, em 1889, a Sociologia foi finalmente introduzida nas escolas brasileiras, em 1891, seguindo o pensamento de um dos “pais” da Sociologia, o

filósofo francês Auguste Comte. Esse período foi caracterizado por grandes transformações sociais, como o fim da escravidão e o início da industrialização, e a Sociologia foi vista como uma forma de preparar os cidadãos para essa nova realidade (Zotti, 2006). Tal ciência teve altos e baixos no sistema educacional durante as décadas seguintes, e, em 1925, foi incluída nos currículos escolares novamente, na Reforma Rocha Vaz (Decreto nº 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925), mas sua efetividade ainda dependia da autonomia dos estados em decidir se a incluíam ou não. Nesse período, profissionais de diversas áreas, como advogados, engenheiros e médicos, ministravam aulas de Sociologia.

Durante o regime da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), a disciplina foi alvo de censura e de repressão devido ao seu potencial crítico e subversivo, em que muitos professores e estudiosos foram perseguidos, e o conteúdo programático foi adaptado para atender aos interesses do governo. Isso levou a um declínio na qualidade do ensino de Sociologia, um enfoque no ensino profissionalizante e na formação de uma geração de estudantes menos exposta a perspectivas críticas.

Vale destacar que a chamada “Reforma Jarbas Passarinho”, de 1971, reformulava novamente a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), com a Lei nº 5.692/1971, que torna obrigatória a profissionalização no ensino médio e retira a Sociologia como disciplina obrigatória do Curso Normal (ela, quando inserida, aparecia ligada ao núcleo profissionalizante). A partir de 1980, muitas associações profissionais e sindicais de cientistas sociais travaram intensas campanhas pela inserção da disciplina inicialmente no ensino médio, o que levou ao retorno da Sociologia ao currículo da Escola Secundária.

Esse foi um período de redemocratização da sociedade brasileira, fortemente marcado pelas distintas lutas pelos direitos humanos, com o surgimento de movimentos sociais e partidos políticos que valorizavam a educação como meio para o exercício da cidadania. Até que em 2006, o ministro da Educação, Fernando Haddad, tornou obrigatório o ensino da Sociologia no ensino médio em escolas públicas e privadas do Brasil. No entanto, apenas em 2008 a Lei nº 11.684 foi aprovada, tornando a Sociologia uma disciplina obrigatória em todas as séries do ensino médio.

Após essa aprovação, a disciplina ganhou corpo institucional, participando de iniciativas de fomento, tais como o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) (2012, 2015 e 2018), o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) (2009-2020) e, recentemente, a Residência Pedagógica (2019-2020) (Bodart; Feijó, 2020). Houve também um avanço nas pesquisas sobre o ensino de Sociologia no intuito de garantir uma formação docente de qualidade.

Todavia, após a aprovação do Novo Ensino Médio, ancorado na Lei nº 13.415/2017, um processo de fragilização da presença da Sociologia vem sendo posto em curso, haja vista que a

O ensino de Sociologia no estágio supervisionado docente obrigatório: a fotografia como ferramenta pedagógica

reforma não garante a curricularização da disciplina, pois versa sobre a “obrigatoriedade de estudos e práticas de sociologia e filosofia” a ser diluída no ensino das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, porém, não há apresentação de detalhes sobre como a Sociologia deverá ser apresentada nos currículos estaduais.

A impressão que temos é que vivenciamos um retrocesso aos debates que pareciam ter sido superados em 2008, voltando à visão de “desdisciplinarização” do currículo, sendo a Sociologia uma das “vítimas” desse processo (juntamente com Filosofia, Artes e Educação Física) por sua falta de tradição no interior do currículo obrigatório nacional e pela fragilidade de sua presença, marcada pelo preconceito, pela reduzida carga-horária e pelo fato de que a grande maioria dos professores que a lecionam o fazem como forma de complementar sua carga-horária de trabalho (Bodart; Feijó, 2020).

Hoje, a presença do ensino de Sociologia no ensino médio, no que diz respeito a sua carga horária, assim como sobre a definição dos seus conteúdos, passando ainda pela curricularização da disciplina, depende de uma relação de pressão com as secretarias estaduais de educação e uma luta política na tentativa de fazer presente seus principais temas, na contramão da diluição dos seus autores, teorias e práticas. O descaso vivido pela educação pública brasileira, pensada a partir da ideia de projeto e não de crise, como nos ensina Darcy Ribeiro (1984), acentua-se na desvalorização dos professores e rebate também na sua presença em sala de aula, na desvalorização da disciplina de Sociologia, tanto para com os estudantes quanto para com os gestores, que por vezes cedem a disciplina para fechamento de carga horária para outros professores.

É, portanto, por meio da luta política, da pressão dos meios democráticos institucionais e das ruas que podemos agir na contra hegemonia da ordem capitalista, que não perde de vista a disputa no âmbito da cultura, da ideologia e das ideias. É desconstruindo sentidos, mediando conflitos e propondo pedagogias emancipatórias que caminharemos para um norte de equidade social, e a Sociologia tem parte fundamental nesse processo.

Diante disso, podemos destacar autores que dialogam sobre o ensino de Sociologia e contribuem para o constante desenvolvimento do pensamento sociológico no Brasil. No artigo de Antonio Alberto Brunetta e Marcelo Cigales (2019), os autores se dedicaram a analisar 170 artigos em 18 dossiês para compreenderem o conteúdo dessas publicações sobre o subcampo do ensino de Sociologia no Brasil, entre os anos de 2007 e 2015. Um dos resultados da pesquisa foi de que muitos dos autores das publicações advêm da área da educação, mesmo que haja um esforço para alcançar o território da Sociologia.

Os autores concluem que para a Sociologia consolidar-se como um campo científico independente, o ensino dessa disciplina precisa, acima de tudo, ser capaz de resistir às influências provenientes do âmbito educacional. Isso implica que, enquanto área de estudo, está

O ensino de Sociologia no estágio supervisionado docente obrigatório: a fotografia como ferramenta pedagógica intrinsecamente ligada à Sociologia escolar, que ao longo da história é caracterizada pela falta de continuidade no currículo brasileiro.

Apesar do aumento de força do subcampo do ensino de Sociologia na última década, o que reflete a produção dos estudos analisados, sem a obrigação da disciplina, assim como o reconhecimento social e simbólico, há um enfraquecimento da profissionalização docente, dos materiais didáticos, das abordagens de ensino e de todas as questões destacadas nessa pesquisa. No final, resta apenas a história da disciplina como foco de investigação, pois, entre todos os temas, é o que possui maior autonomia diante deste cenário de instabilidade disciplinar.

3. A importância do estágio obrigatório supervisionado docente e a trajetória de dois licenciandos em ciências sociais da UFBA

O Estágio Obrigatório Supervisionado Docente (EOSD) é por excelência um espaço de mediação entre a escola, a universidade e a sociedade, em que há o encontro de práticas distintas, lógicas, valores, lugares e papéis sociais. Vale ressaltar e refletir criticamente que o curso de Ciências Sociais na UFBA possui apenas 2 componentes curriculares relacionados ao estágio docente obrigatório, sendo que em apenas 1 o licenciando tem acesso direto ao colégio e desempenha a regência supervisionada em sala de aula.

Durante o EOSD, o discente em formação adentra um novo meio, ou seja, uma nova realidade, com contradições e implicações distintas, e é nesse novo *lôcus* que precisa estagiar, a partir do processo de troca de saberes e fazeres, para se construir docente. Esse adentramento no estágio é muito enriquecedor para o discente, partindo do ponto de vista que a construção do conhecimento é também fruto da materialidade do processo vivido, dos confrontos e dos encontros, das percepções dos diferentes papéis sociais que circulam a escola, do reconhecimento do próprio espaço escolar e do fazer educacional em sala de aula. Tudo isso contribui para a formação de uma identidade “professoral”, juntamente dos conhecimentos metodológicos e didáticos que o discente manejará, com as observações, as coparticipações, a regência e a vivência ao lado da professora orientadora e da supervisora.

Além disso, o EOSD é para os graduandos em licenciatura um espaço para alimentar a pesquisa, exercitando a observação antropológica qualitativa na prática da etnografia escolar (André, 1995), assim como trabalhando com aglutinação de dados quantitativos na utilização de questionários, por exemplo, bem como entrevistas e conversas informais. Com isso, o licenciando pode, ao fim do estágio, refletir criticamente sobre os dados gerados a partir desses métodos, sobre o ambiente escolar e as práticas didáticas e metodológicas que o perpassaram

O ensino de Sociologia no estágio supervisionado docente obrigatório: a fotografia como ferramenta pedagógica ao longo do processo, buscando avaliar e compreender essa reflexão em forma de artigos, relatórios e/ou pesquisas futuras.

É nessa interpenetração de fazeres que o licenciando se faz e se enxerga enquanto futuro professor, buscando compreender as lógicas sobrepostas nos discursos, isto é, entre a teoria e a prática, o escrito e o vivido, entre o dito e o feito (Lima, 2008). O estudante pode compreender as diversas nuances que permeiam a profissão observando o funcionamento e a gestão de uma escola no seu dia a dia, os professores nas salas de aula e ele mesmo enquanto agente escolar desenvolvendo um papel social naquele espaço. O estágio docente se torna, assim, o ambiente de construção de uma identidade profissional, e, ademais, o *lócus* da sistematização da pesquisa sobre a prática, no papel de realizar a síntese e a reflexão das vivências efetivadas (Lima, 2008, p. 198).

Com essa inserção, é possível entender a estrutura do colégio, seu funcionamento e seus conflitos e, com isso, compreender de forma mais ampla algumas características da educação brasileira. O estágio permite um olhar de dentro e de perto, como propôs a etnografia do antropólogo José Guilherme Magnani (2018). Isso faz com que o licenciando entenda e sinta melhor sua área de trabalho, se familiarize com o cotidiano escolar e perceba os “pontos positivos” e os “pontos negativos”, de acordo com suas referências e valores, do ofício do docente.

Portanto, o EOSD pode propiciar a esse estudante de licenciatura, para além de um meio privilegiado para frutificar e produzir conhecimentos “professorais” éticos e críticos, uma possibilidade de investigação do seu círculo social, gerando, assim, consciência crítica-reflexiva e histórica, compreendendo o mundo como algo construído socialmente em disputas de poder e nas inter-relações sociais.

Acreditamos no Estágio como *lócus* de formação do professor reflexivo-pesquisador, de aprendizagens significativas da profissão, de cultura do magistério, de aproximação investigativa da realidade e do seu contexto social. Reafirmamos o nosso conceito de Estágio, como campo de conhecimento, que envolve estudos, análise, problematização, reflexão e proposição de soluções sobre o ensinar e o aprender, tendo como eixo a pesquisa sobre as ações pedagógicas, o trabalho docente e as práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais. (Pimenta; Lima, 2004, p. 61)

De acordo com o texto “Formação de professores de ciências sociais/sociologia: subsídios para o debate”, de Leomir Souza Costa (2015), pode-se afirmar que:

[...] a reintrodução da Sociologia como disciplina obrigatória do ensino médio e a implementação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), vem abrindo caminho para a criação de novos cursos de licenciaturas em Ciências Sociais (Perruso; Pinto, 2012), inclusive com novas configurações.” (p.190). “Boa parte dos cursos de licenciatura em Ciências Sociais criados a partir de 2008 encontra-se em instituições que já disponibilizavam o bacharelado, algo que indica um redirecionamento de esforços por parte do corpo docente dos departamentos desses cursos. Em razão disso, as licenciaturas começam a se colocar como um

problema relevante, da mesma forma que a questão da formação do professor estabelece-se como uma demanda urgente a ser discutida e (re)pensada. Nesse sentido, a expansão de novos cursos não apenas lança novos modelos de formação de professores como também questões para os modelos já existentes.” (p.191). “Será que as licenciaturas de Ciências Sociais (assim como as demais) – e seus distintos modelos – são realmente cursos de formação de professores *stricto sensu*? [...] A formação de professores, chamada muitas vezes –senão sempre– de a parte pedagógica reduz-se a um mínimo de disciplinas. São cerca de cinco, variando um pouco para mais ou para menos: duas didáticas; uma ou duas psicologias da educação; uma de legislação educacional; além dos estágios supervisionados e/ou práticas de ensino. Mesmo nas universidades onde já existem dois cursos distintos, o pesquisador ainda é posto em evidência, em detrimento da figura do docente, uma vez que a grande maioria das disciplinas é dita do bacharelado e são poucas as voltadas para a licenciatura (Costa, 2015, p. 192).

Dessa forma, é possível indagar sobre como será a chegada desse licenciado em Ciências Sociais na rede pública de ensino. Muitas vezes, por conta da baixa qualidade na formação de professores, estes acabam chegando descapacitados ou com reduzida bagagem acadêmica relacionada à licenciatura para poderem exercer o ofício de docente. Somado a isso, estão as precárias condições de gestão, de estrutura e de ensino de muitas escolas públicas brasileiras, que há anos precisam lidar com o baixo investimento por parte dos poderes públicos e com o desmonte da Educação Pública que, de tempos em tempos, acontece no país.

É sabido que ensinar as Ciências Humanas, em especial a Sociologia, não é tarefa fácil. Alguns temas ainda são tabus, outros são silenciados e, ainda, e outros nem sequer conseguem ser expostos aos discentes em salas de aula. O estudo e o ensino responsável da Sociologia requer paciência e “jogo de cintura” por parte dos docentes, uma vez que ensinar e debater sobre a sociedade, em especial a brasileira, as relações entre os indivíduos, os processos sócio-históricos, as teorias e metodologias próprias desse saber é de extrema importância para a afirmação, a manutenção e a resistência da identidade e cultura de um povo ou nação.

Portanto, se faz ainda mais necessário investir na formação de professores em geral, mas também em especial na área de Sociologia, para que tais debates não sejam silenciados e que os discentes possam ter acesso ao conhecimento de forma ampla e com qualidade para, assim, conseguirem serem críticos, compreender e analisar bem a sociedade e elaborarem suas opiniões embasados em informações bem expostas e debatidas. Formar professores críticos permite o desenvolvimento e a consolidação de uma sociedade mais justa e democrática.

3.1 Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes



O Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes (CEDMN), inaugurado em 1992 e reformulado em 2006, onde foi realizado o estágio docente obrigatório, está situado no bairro do

Canela, na Avenida Araújo Pinho, nas proximidades dos bairros Campo Grande, Federação e Vitória, sendo, portanto, um colégio central na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia.

É também próximo à Faculdade de Educação (FACED) da UFBA, do Hospital Universitário Professor Edgard Santos e de boa parte do campus universitário. O prédio onde se localiza o colégio era um hospital de emergências que foi adaptado, sendo o Dr. Manoel Novaes um médico e deputado que muito fez e, por isso, o governo da Bahia prestou-lhe uma homenagem, pois o ano da inauguração do colégio foi o ano da sua morte.

O colégio foi criado com a finalidade de ser a primeira escola pública de formação musical no Brasil, sendo implantada com toda estrutura física para o ensino de Música. Para facilitar a formação dos estudantes, optou por ser uma escola com formação a partir da alfabetização, passando pelas séries iniciais, tendo um currículo direcionado para a orientação artística, onde os alunos participavam de atividades com teatro, dança, coral, artes plásticas e música.

O bairro do Canela é um bairro de classe média/média alta, rodeado de clínicas e laboratórios de saúde, assim como prédios residenciais, a UFBA e o Instituto Federal da Bahia (IFBA). Há grande circulação de estudantes, haja visto a sua proximidade com grandes polos universitários. Suas ruas principais convivem diariamente com um fluxo intenso de veículos, contrastando com a tranquilidade de algumas vias secundárias. O Canela é um bairro muito repleto de serviços, que respira cultura e que mistura uma arquitetura de casarões antigos com prédios modernos de classe média.

É nesse sentido que conseguimos caracterizar um pouco o entorno do colégio, considerando aspectos socioeconômicos e culturais. Exatamente em frente ao portão do colégio encontra-se um supermercado grande, bastante conhecido da cidade e na mesma rua há vários trabalhadores informais, vendendo lanches, frutas, guarda-chuvas, serviço de chaveiro, amolador de alicate, dentre outros. A maioria fica na calçada ou próximo a ela.

São trabalhadores que se estabeleceram ali há anos ou alguns que chegaram depois da pandemia da covid-19 em decorrência do desemprego. Muitos dos estudantes se deslocam para a escola de ônibus municipais e conseguem descer próximo ao colégio por conta da boa quantidade de pontos de ônibus ao redor. Já o metrô não está tão próximo assim. A rua é mão única e não muito movimentada, apesar de sempre haver carros e pessoas passando. Não é um bairro com histórico de violência.

3.2 A temática das aulas do estágio docente e a aproximação com as narrativas de vida dos trabalhadores informais

Nas doze aulas de regência do estágio docente, os dois estagiários assumiram o tema: “Trabalho, Tecnologia e Mudanças Sociais”, que fazia parte da Unidade 2 do 2º ano do ensino médio matutino regular do colégio. Houve uma conversa inicial com a professora supervisora para formulação dos planos de aula e, nesse momento, dialogar sobre como ela gostaria que trabalhássemos o assunto, dentro de suas perspectivas pedagógicas. A partir do processo de observação, e depois de muita pesquisa sobre o tema, elaboramos nossos planos de aula.

Os assuntos principais, vinculados tanto ao livro didático que o colégio utilizava quanto às problemáticas propostas pela professora supervisora, seriam as transformações tecnológicas, a racionalização e a flexibilização do trabalho no século XX, ou seja, a reestruturação produtiva do capital, assim como as consequências nas relações trabalhistas da implementação de novos modelos flexíveis de trabalho oriundos dessas transformações: “uberização” do trabalho; trabalho intermitente; terceirização e trabalho informal, por exemplo.

Pudemos trabalhar com os estudantes do 2º ano A e B, a teoria da dependência, junto ao conceito de superexploração do trabalho cunhados pelo cientista social Ruy Mauro Marini (Marini, 2017), na tentativa de explicar os baixos salários reservados aos países do sul global, como o Brasil, aproximando os estudantes da temática do trabalho informal e de suas potencialidades de remuneração, por vezes acima do salário-mínimo estipulado pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Fato de difícil explicação no caminhar das aulas, haja vista a negação de muitos estudantes ao trabalho com carteira assinada, vendo no empreendedorismo ou em outras carreiras não convencionais, tais como esporte ou nas mídias sociais, as possibilidades de ascensão financeira.

De acordo com o site “JusBrasil”, em uma publicação de Ana Maria Aste (2020),

a diferença básica entre trabalho formal e informal é que o trabalho formal tem contrato de trabalho e registro na Carteira Profissional, bem como segue determinadas regras de acordo com a CLT, além de possuir uma estabilidade financeira, uma vez que pode contar com o salário todos os meses e costuma ter um horário fixo de trabalho. Já o trabalho informal não tem registro na Carteira Profissional e não tem contrato de trabalho, por isso, não dá ao trabalhador os benefícios e direitos, como férias, seguro-desemprego, licença maternidade, aposentadoria. O trabalhador informal costuma ter mais liberdade de horários e flexibilidade. Quem trabalha informalmente não tem descontos no salário, mas também não tem garantias e nem pode contar com o INSS para o caso de doença, por exemplo. No entanto, é facultado ao trabalhador informal contribuir como autônomo junto ao INSS, para que possa ter direito a auxílio-doença, salário maternidade, aposentadoria (Aste, 2020).

Como o tema das aulas era Trabalho, procuramos abordar modelos por eles mais conhecidos, como o trabalho informal (objeto do projeto de fotografia implementado no colégio, o qual abordaremos a seguir), buscando, a todo momento, relacionar com as narrativas de vida dos trabalhadores do entorno do colégio que tivemos contato ao longo do processo do estágio docente. Fato que nos pareceu demasiadamente interessante como proposta pedagógica. A relação que fomos construindo com esses trabalhadores foi orgânica e muito enriquecedora para que pudéssemos, depois, desenvolver o projeto.

A partir das idas ao colégio, estabelecemos vínculos importantes com esses trabalhadores, que foram agentes e agência na exposição final do projeto de fotografia. Isto é, eles contavam suas narrativas de vida e nós, como “mediadores temporários” entre o colégio e esses trabalhadores, pudemos correlacionar com o tema estudado dentro da sala de aula, produzindo, por fim, uma exposição fotográfica sobre e com esses trabalhadores. Obviamente, esse foi um projeto de “muitas mãos”, como detalharemos a seguir.

No início do processo, tivemos dificuldade em estabelecer relações entre a teoria e a prática com os estudantes, trazendo-os, assim, para o campo do real, da “vida vivida” atravessada pelas palavras por nós ditas. Porém, com o tempo, pudemos nos afeiçoar no “jogo pedagógico”. Essa era, talvez, a grande sacada: a sabedoria da relação teoria-prática na vida do estudante e como manejá-la para convencê-los que vale a pena aprender. Assim, a ideia de que “a gente só sabe aquilo que a gente conhece” se encaixa bem nesse contexto. Ou, como escreveu o patrono brasileiro da educação libertadora, Paulo Freire:

só na medida em que o educando se torne sujeito cognoscente e se assuma como tal, tanto quanto sujeito cognoscente é também o professor, é possível ao educando tornar-se sujeito produtor da significação ou do conhecimento do objeto. É neste movimento dialético que ensinar e aprender vão se tornando conhecer e reconhecer. O educando vai conhecendo o ainda não conhecido e o educador reconhecendo, o antes sabido. (Freire, 1993, p. 119)

A humanização da teoria, levada na prática pela contação de histórias, tanto das nossas próprias quanto as dos trabalhadores informais convidados pelo projeto, aproximaram os estudantes do tema, retendo melhor a sua atenção e gerando uma empatia afetiva.

3.3 O projeto de fotografia no estágio docente: a fotografia como recurso pedagógico-metodológico para o ensino de Sociologia



No desdobrar do século XXI a fotografia tomou uma centralidade particular na formulação da representação de indivíduos e de grupos e nas formas dos mesmos imaginarem o mundo. A câmera, ferramenta acoplada a celulares digitais instantaneamente sacados no

O ensino de Sociologia no estágio supervisionado docente obrigatório: a fotografia como ferramenta pedagógica

decorrer do dia a dia, ganha destaque nesse processo de imaginação colocando essa forma de linguagem como um emergente campo de reflexão da Ciências Sociais, em especial na Sociologia e na Antropologia (Novaes, 2014).

A importância dessa reflexão acerca da visualidade como forma de aprendizagem e de imaginação do mundo faz emergir um interesse particular no teor metodológico dessas ferramentas, em especial no ensino de Sociologia e da Antropologia. Esse interesse está calcado, como afirma Bodart (2015), na capacidade do trabalho com imagens potencializar o olhar dos alunos despertando a “imaginação sociológica”. Isto é, nas palavras do autor, objetivar “por meio da prática docente o despertar de um olhar mais atento às relações e aos fenômenos sociais que o cerca, a fim de minimizar a postura comum de “olhar não vendo” e/ou de explicar os fenômenos a partir de uma perspectiva do senso comum” (Bodart, 2015, p. 81).

O autor antagoniza “o olhar não vendo” ao “ver”, apontando o segundo como uma “compreensão sociológica do que está diante dos olhos.” Sendo assim, na visão de Bodart (2015), o uso das imagens como ferramenta metodológica no ensino de Sociologia reside nessa potência particular, a transformação do enxergar, do “olhar não ao vendo” ao “ver”,

Como apontado por Oliveira (1996), o olhar é um dos elementos centrais para a compreensão da realidade social, formando junto do ouvir e do escrever o *métier* do antropólogo, todos, ademais, atravessados pelo exercício da reflexão metodológica pautados nos saberes teóricos das Ciências Sociais. Portanto, aguçar o olhar dos alunos e sua “imaginação sociológica” em um processo concomitante de atravessamento e reflexão dos temas da Ciências Sociais foi o que orientou o projeto fotográfico descrito neste subcapítulo.

Para além, como aponta Novaes (2014), a fotografia tem a capacidade de trazer à reflexão o sujeito que observa, sendo suficientemente aberta para não fechar conclusões, provocando sentimentos mais do que induzindo verdades, aguçando, portanto, o olhar, o espaço do incompreensível, da dúvida, da construção crítica e dialogada dos temas que ela apresenta.

Diria que tanto a fotografia como a narrativa têm esta capacidade [...] de acolher a experiência de quem contempla ou ouve. Acolhimento que desperta em quem ouve ou contempla novas reflexões sobre suas próprias experiências. Por acolhimento da fotografia quero dizer que ela é suficientemente “aberta” para que o observador possa mergulhar em seu interior e, paradoxalmente, perceber em si mesmo o que a foto desperta. Ao vermos algo, vemos não apenas a aparência da coisa que a imagem nos mostra, mas igualmente a relação que mantemos com esta aparência. [...] Quando o observador se permite um mergulho na imagem está evoca e desperta nele sentimentos, lembranças e sensações sobre os quais começa a falar. Dificilmente um texto acadêmico se abre e acolhe quem o lê dessa maneira (Novaes, 2014).

Assim sendo, transformando os interlocutores, tanto os alunos quantos os sujeitos da imagem, em sujeitos da linguagem fotográfica (Copque, 2010), a exposição “Fotografando o Trabalho

e o Cotidiano dos trabalhadores informais do entorno do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes da cidade de Salvador-BA” ambiciona aproximar-se de uma Antropologia/Sociologia visual, que busca assumir as imagens como objetos sociais ativos, isto é, tomá-las como vivas através de sua performatividade, levando em conta a produção social que as possibilita existir, os gestos, os valores, as práticas e os conflitos que emergem de sua textura (Edwards, 2001).

Pensando com Copque (2010), o sujeito enunciador, no processo de feitura da imagem, é capaz de revelar, a partir de gestos, poses, enquadramentos aparentemente banais, os seus valores e significados, de forma simbólica, corporificada, performada. Assumindo essa posição, se faz possível rastrear as relações sociais, sentidos e significados que se articulam ao redor da produção e desempenho delas. Tomando, assim, as imagens como abertas à agência, tanto dos fotografados como dos sujeitos que observam, se evoca um espaço de construção coletiva atravessada por diversos sujeitos, possibilitando o diálogo e a aproximação com os alunos.

No decorrer do estágio, o projeto fotográfico foi construído coletivamente entre os estagiários, os estudantes do 2º ano e a professora supervisora. O projeto teve o intuito de pensar a fotografia como possibilidade pedagógica-metodológica, conciliando teoria e prática no fazer educacional atrelado ao ensino de Sociologia, promovendo oficinas e discussões sobre teoria fotográfica com os estudantes, assim como uma exposição final, feita coletivamente com e sobre os trabalhadores informais do entorno do colégio.

A proximidade de um dos estagiários com a fotografia – sendo fotógrafo amador há um tempo – foi essencial para trazer esse recurso com responsabilidade e qualidade para dentro da sala de aula. O trabalho informal, tema central do projeto fotográfico, estava diretamente ligado ao conteúdo das últimas aulas do estágio docente que estávamos construindo com os estudantes, em consonância com o tema geral indicado na Unidade 2 para aquele ano do ensino médio, já comentado acima.

O projeto foi realizado em três momentos, nas aulas de quinta-feira, durante três semanas consecutivas. No primeiro encontro, aconteceu uma Oficina de introdução à fotografia, ministrada pelo estagiário-fotógrafo, que incluiu as duas turmas (2º ano A e B), na qual também apresentamos a proposta do projeto aos estudantes. Já no segundo encontro, na aula anterior à montagem da exposição, nós levamos as fotos produzidas com os trabalhadores informais do entorno do colégio para apreciação dos estudantes, fomentando o diálogo sobre o que haviam apreendido ao longo das aulas sobre trabalho informal, o que estavam vendo e sentindo com tais fotografias e contamos a história de um desses trabalhadores, um bem conhecido entre os estudantes.

Nesse processo, tentamos aproximar teoria e prática, articulando sempre com o tema da aula em questão: trabalho informal. Contamos sobre o desejo dele de continuar a trabalhar de

O ensino de Sociologia no estágio supervisionado docente obrigatório: a fotografia como ferramenta pedagógica

modo informal, ou seja, sem carteira de trabalho assinada e, assim, pudemos debater sobre as diversas possibilidades de relação dentro da esfera do trabalho, tomando criticamente os aspectos positivos e negativos, e demais questionamentos, implicados nessas escolhas.

No terceiro encontro, a Exposição Fotográfica, construída coletivamente com os estudantes das duas turmas do estágio docente e outros estudantes que se engajaram na montagem. Convidamos dois trabalhadores que foram fotografados para fazerem uma fala, durante a exposição, contando um pouco sobre suas vidas, suas rotinas de trabalho, sobre a relação com o colégio etc.

Os dois possuem uma grande relação com os estudantes e os professores, e um deles está há 28 anos trabalhando em frente ao portão do colégio. Ao todo, foram 19 trabalhadores informais fotografados e 30 imagens. As fotos ficaram expostas penduradas por cordões, no corredor de entrada do colégio. Além disso, havia cavaletes com cartolinas contendo textos explicativos – confeccionados pelos próprios estudantes – sobre a exposição e seu tema. Uma amiga dos estagiários que é museóloga foi convidada para auxiliar no planejamento e na execução de toda a estrutura física e simbólica da exposição, levando em consideração distintos aspectos visuais e subjetivos relativos ao registro e a memória que a fotografia carrega, pensando em como ornar tudo isso dentro do ambiente escolar.

O momento de abertura da Exposição Fotográfica contou com a presença da diretora, da coordenadora, da professora supervisora da disciplina e de outros professores, bem como dos estudantes de todo o colégio, acompanhados por uma boa música, deixando o momento aconchegante e descontraído. A exposição ficou aberta ao público em geral por 2 meses.

Destarte, o projeto de fotografia no nosso estágio docente foi uma amplificação de uma perspectiva da narrativa de vida como possível ferramenta pedagógica, em especial para o ensino de Sociologia, a fim de se trabalhar e desenvolver conteúdos do ensino médio a partir de outras metodologias, diferentes das convencionais. Buscamos uma dança entre o real e o abstrato, entre as narrativas de vida dos trabalhadores informais e a literatura acadêmica da Sociologia sobre trabalho informal, atrelando teoria e prática, e demonstrando, afinal, que uma retroalimenta a outra e são indissociáveis.

A Exposição Fotográfica também rumou aproximar a instituição escolar com o bairro e a comunidade ao redor, trazendo as fotografias dos trabalhadores e trabalhadoras para dentro do pátio principal do colégio, permitindo um trânsito de indivíduos diversos. Somado a isso, esse projeto também pôde fortalecer a extensão dos conhecimentos acadêmicos sobre o assunto e o fazer educacional alicerçado nas relações reais/cotidianas de sujeitos trabalhadores que entrecortam a vida da comunidade escolar.

Figura 1 – Vendedores Ambulantes Situados ao Redor da Colégio Estadual Manoel Novaes



Fonte: Autores

Figura 2 – Vendedores Ambulantes Situados ao Redor da Colégio Estadual Manoel Novaes



Fonte: Autores

Figura 3 – Vendedores Ambulantes Situados ao Redor da Colégio Estadual Manoel Novaes



Fonte: Autores

Figura 4 – Vendedores Ambulantes Situados ao Redor da Colégio Estadual Manoel Novaes



Fonte: Autores

Figura 5 – Vendedores Ambulantes Situados ao Redor da Colégio Estadual Manoel Novaes



Fonte: Autores

Todas as imagens acima, e outras, fizeram parte da exposição final apresentada no pátio da escola e todos os fotografados eram trabalhadores informais que trabalhavam, à época, ao redor do Colégio Deputado Estadual Manoel Novaes.

Conclusão

A Sociologia, como parte integral do ensino médio brasileiro, desempenha um papel central na formação de cidadãos críticos e na compreensão das dinâmicas sociais, políticas e culturais, tanto do Brasil quanto do mundo. Sua trajetória no cenário educacional brasileiro reflete as transformações sociais, políticas e econômicas vivenciadas pelo país, passando por períodos de inclusão, exclusão, censura e revalorização curricular.

Desde sua introdução inicial proposta, em 1882, e sua consolidação nas reformas educacionais das décadas, de 1930 e 1940, a Sociologia enfrentou desafios significativos, em especial, durante a Ditadura Civil-Militar, a disciplina sofreu repressão, com o conteúdo sendo adaptado aos interesses do regime, comprometendo seu caráter crítico e subversivo. O retorno da disciplina ao currículo escolar, durante a redemocratização, foi marcado por lutas intensas em prol de uma educação crítica e emancipadora.

Entretanto, os desafios contemporâneos para o ensino de Sociologia são vastos. A reforma do ensino médio, apesar de ter estabelecido a Sociologia como disciplina obrigatória, abriu espaço para ambiguidades curriculares, resultando na diluição da matéria e, dependendo da pressão exercida sobre as secretarias estaduais de Educação, para sua efetiva implementação. Além disso, a desvalorização da educação pública brasileira e da própria disciplina reforça a necessidade de um comprometimento constante com a defesa e promoção de um ensino de qualidade.

O EOSD destaca-se como uma ferramenta pedagógica fundamental para uma formação assertiva de futuros educadores, por proporcionar aos licenciandos uma perspectiva prática da realidade educacional e social, e permite uma interação profunda entre teoria e prática, contribuindo, assim, para a formação de uma identidade “professoral”. Ainda, é uma oportunidade para investigação e pesquisa, que amplia o repertório acadêmico e pedagógico dos futuros professores.

Nesse sentido, o projeto fotográfico, implementado durante o período de estágio, reflete a importância de abordagens pedagógicas inovadoras, evidenciando o recurso da fotografia como resgate e (re)construção de narrativas de vida, elucidado pelo fortalecimento do registro e da memória dessas trajetórias. Ademais, aguçam a imaginação sociológica dos alunos, convocando-os para a reflexão. Ao focar no trabalho informal e conectar essa temática com as realidades vividas pelos trabalhadores no entorno do colégio, o projeto estabeleceu uma ponte entre a academia e as comunidades escolar e do bairro, reafirmando a relevância da Sociologia em discutir e elucidar as complexidades da sociedade brasileira.

Finalmente, o ensino da Sociologia no Brasil, ao combinar as lentes críticas da disciplina com abordagens pedagógicas inovadoras, mediadas dentro de sala de aula pelo estágio docente obrigatório, por exemplo, têm o potencial não apenas de informar, mas de transformar, enfatizando a importância da educação como ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa, consciente e democrática.

Recebido em 11/09/2023

Aprovado em 08/03/2024

Publicado em 16/08/2024

Referências bibliográficas

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995. p.15-26.

ASTE, Ana Maria. Qual a diferença entre trabalho formal e informal? *JusBrasil*, 2020. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/qual-a-diferenca-entre-trabalho-formal-e-informal/1150997113>. Acesso em: 08 out. 2023.

BODART, Cristiano das Neves; FEIJÓ, Fernanda. As Ciências Sociais no currículo do ensino médio brasileiro. *Revista Espaço do Currículo*, v. 13, n. 2, p. 219-234, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/51194>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BODART, Cristiano das Neves. Fotografia como recurso didático no ensino de sociologia. *Em Tese*, UFSC, Florianópolis, v. 12, n. 02, ago./dez. 2015, p. 81-102.

BRUNETTA, A. A.; CIGALES, M. P. Dossiês sobre ensino de Sociologia no Brasil (2007-2015): temáticas e autores(as). *Latitude*, Maceió, v. 12, n. 1, p. 171, 2019. DOI: 10.28998/lt.2018.n.1.7416. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/7416>. Acesso em: 15 fev. 2024.

COPQUE, Bárbara Andrea Silva. *Uma etnografia visual da maternidade na Penitenciária Talavera Bruce*. 2010.

COSTA, Leomir Souza. *Formação de professores de ciências sociais/sociologia: subsídios para o debate*. Em *Tese*, v. 12, n. 2, p. 187-203, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2015v12n2p187/30826>. Acesso em: 21 jun 2022.

EDWARDS, Elizabeth. A fotografia e a performance da história. *ArtCultura*, 23(42), 27–47, 2001.

FREIRE, Paulo. *Professora, sim; Tia, não. Cartas a quem ousa ensinar*. 23. ed. Civilização Brasileira, 1993.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. Reflexão Sobre o Estágio/Prática de ensino na formação de Professores. *Diálogo Educ.* Curitiba, v.8, n. 23 p. 195. 205, jan/abr. 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico. (Orgs.). *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Sesc, 2018.

MARINI, Ruy. Mauro. Dialética da Dependência. *Germinal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 325–356, 2017. DOI: 10.9771/gmed.v9i3.24648. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/24648>. Acesso em: 24 out. 2022.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Núcleo de Antropologia Visual da Bahia, v. 3, n. 2, p. 57–67, 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, v.39, n.1, p. 13-37, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido.; LIMA, Maria Socorro Lucena. Planejando o estágio em forma de projetos. In: PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. (ed.). *Estágio e Docência*. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p. 219 – 281.

RIBEIRO, Darcy. *Nossa escola é uma calamidade*. Salamandra Editora, 1984.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 128, 2006, p. 451-472.



ZOTTI, Solange Aparecida. O ensino secundário nas Reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema: um olhar sobre a organização do currículo escolar. In: *Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação*, Goiânia, 2006. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo01/Solange%20Aparecida%20Zotti%20-%20Texto.pdf>. Acesso em: 08 out. 2022.